A escolha do final[1]

Ricardo Rojas

Lacan nos diz na *Proposição de 9 de outubro de 1967:*

> A estrutura, assim abreviada, permite-lhes ter uma idéia do que ocorre ao término da relação transferencial, ou seja, quando, havendo-se resolvido o desejo que sustentara o psicanalisante em sua operação, ele não mais tem vontade, no fim, de fazer uso de sua opção, isto é, o resto que, como determinante de sua divisão, o faz cair de sua fantasia e o destitui como sujeito.[2]

Na citação acima, Lacan nos diz, em primeiro lugar, que a idéia que se pode fazer do que ocorre quando termina a relação transferencial é conseqüência da resolução do desejo, assim como que era esse desejo o que sustentava a operação analisante. Verificamos, então, que, para Lacan, quando o desejo é solucionado, não há mais operação analisante, ou seja, não há mais alguém em análise. De que resolução de desejo se trata? Trata-se da resolução da equação do Desejo do Analista, que Lacan acabara de antecipar nesse texto. Essa resolução é obtida quando se esvazia o valor do x do desejo. Esvaziar essa equação tem como conseqüência, assinala Lacan, o fato de que já não se terá vontade de fazer uso da opção. De que opção falamos? Da de continuar fazendo uso do "resto". Vemos aqui, portanto, uma escolha que se dá no momento do final da análise, ou seja, no umbral do final, em que pode haver ou não o desejo de fazer uso dessa cláusula de opção.

Vejamos as conseqüências de não optar pelo uso desse resto. Lacan nos leva a considerar que, como conseqüência, há a queda da fantasia e a destituição do sujeito. Qual será, então, a conseqüência do uso dessa cláusula de opção? O que ocorrerá com esse "resto"? Pode-se continuar fazendo uso dele? Qual teria sido o uso desse resto, presente no contrato, que poderia continuar a viger na cláusula de opção de uso? O contrato vigente era o de fazer uso da fantasia nas envolturas formais do sintoma, em que o sujeito não reconhece sua divisão, pois o objeto a obtura.

A demarcação deste "resto" se esvazia ao ser extraído o valor de x da equação do Desejo do Analista, ou seja, ao "ter sido

[1] Esta elaboração tem como base a primeira e a segunda versões da *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, de Jacques Lacan. Foi utilizada como referência a edição francesa de *Autres écrits*, publicada em 2001, pois encontrei várias imprecisões nas traduções para o espanhol.

[2] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 252).

resolvida [a equação (d)] do desejo que o analisante sustentou em sua operação [operação f(x), digo eu]"[3].

Qual o valor deste x?

Lacan nos ensina[4] que esse valor pode ser dado pela equação -φ ou *a*. Então, o que ocorre com o resto da equação, isto é, o que ocorre com o agalma que era sua constante? Solucionado o passado, desvela-se o eclipse e também o verdadeiro lugar do agalma: "é nesse -φ ou nesse *a* que aparece seu ser, ou seja, o ser do agalma, do sujeito suposto saber no processo do psicanalisante acaba em uma destituição subjetiva"[5].

Ao mesmo tempo, Lacan nos afirma que seu Ser, então, como "significação [*Bedeutung*, afirmo eu] de Sujeito, não ultrapassa o surgimento do desejo, fim aparente da psicanálise". Nela, porém, resta a diferença do significante ao significado, que será atravessada sob a forma de -φ ou de objeto *a*[6]. Ocorre, então, outra operação da análise: se rasurarmos ou extrairmos do significante o significado, operação relativa ao que resta entre esses dois elementos, dela resulta a *Bedeutung* do sujeito. Disso resulta um resto que volta a cair sob essas duas formas: a do ser de desejo ou ser do sujeito analisante, em que aparece como o avesso do ser de saber do agalma do sujeito suposto saber[7].

Essas duas operações simultâneas levam a que "assim o ser do desejo se reúne ao ser do saber para renascer no fato de que elas se enlaçam em uma banda [acrescento, de Moebius] feita da única borda em que se inscreve uma só falta, aquela que sustenta o agalma"[8].

Em outras palavras, passou do que restou dos elementos dos dois conjuntos a uma banda de Moebius, em que se inscreve uma única falta na topologia diagramada de Venn, também presente no *Seminário – livro 11*[9], quando desenvolve as operações de alienação-separação, logo abordadas no seminário contemporâneo a esses textos, o *Seminário – livro 15: O ato psicanalítico*[10], no quadrângulo de Klein, em relação ao ser e ao penso, índices impossíveis de serem destacados neste curto espaço, mas que apóiam nosso desenvolvimento e aos quais remeto o leitor.

Por essa operação topológica, o ser do desejo surge como Desejo do Analista. Lacan já nos advertira de que a operação de produção de um ser singular e forte[11], ao ser deflagrada pela queda desse ser de saber, advém como *sicut palea*[12], escória, resto. Haveria outra opção encoberta pela destituição subjetiva?[13].

Por que já não existe vontade de fazer uso da opção? Em Lacan, são possíveis duas respostas. Primeira: "porque isso do qual se deu conta é que a aposta do desejo não é nada mais do que aquela de um *desser*"[14]. Segunda: "nesse *desser* se desvela o

[3] *Ibid.*

[4] *Ibid*, p. 251.

[5] Lacan. Première version de la Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 584).

[6] *Ibid.*

[7] Dedução resultante da leitura da *Proposição* em suas duas versões.

[8] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 254).

[9] Lacan. *Le Séminaire – livre 11: Les quatres concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964/1973, p. 185-208).

[10] Lacan. *Le Séminaire – livre 15: L'Acte analytyque* (1967-1968), (Inédito)

[11] Lacan. Discours à l'E.F.P. (1970/2001, p. 273)

[12] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 254).

[13] Lacan. Première version de la Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 585).

[14] *Ibid.*

não-essencial do sujeito suposto saber"[15], ou seja, trata-se de não querer fazer uso de sua opção, posto que seu valor é de escória, resto, não essencial.

O que o sujeito suposto saber velava era que "o psicanalisante [destaco: ser do sujeito, ser do desejo] é idêntico ao agalma" e que, portanto, "isso que o psicanalista deixou de obter do psicanalisante do sujeito suposto saber é devolvido a ele [psicanalisante], ao perder ali o agalma"[16]. O ser do agalma do sujeito suposto saber, portanto, acaba por esvaziar de valor o processo do psicanalisante em uma destituição subjetiva. Esse resto do qual não se tem mais vontade de fazer uso da opção é o que o destitui como sujeito. O que é recusado nessa opção?

"O ser [de saber] que não sabia a causa de seu fantasia no momento mesmo em que finalmente esse saber suposto lhe adveio"[17], pois, continua, "que ele saiba disso que eu não sabia sobre o ser do desejo, isso que nele adveio ao ser de saber fica apagado"[18]. O ser do desejo não sabia que ele era o agalma, envoltura vazia, agalma esse que advém velado ao ser do saber, velado pelo sujeito suposto saber, mas que é também o lugar onde o sujeito do ser se destitui; ali onde isso é o sujeito do inconsciente do penso se desvanece.

Na passagem do psicanalisante ao psicanalista, sobre a qual nos fala Lacan, "existe uma porta cuja dobradiça é o *resto* que faz sua divisão, pois essa divisão não é outra senão a do sujeito cuja causa é o resto"[19]. Esse resto "como determinante de sua divisão o faz cair de sua fantasia". Voltemos à primeira frase extraída da opção existente na citação: esse resto que, na condição de dobradiça, permite a virada "de onde o sujeito vê vacilar a segurança que ele adquiria da fantasia, da qual se constitui para cada um a janela sobre o real, percebe-se que o valor do desejo nada mais é do que o de um *desser*"[20]. O esvaziamento da equação do desejo nos revela o valor do desejo na equação, a de não ser mais do que um *desser*. Mas como ele adquiria segurança da fantasia? Qual era a lógica? Há a fantasia e sua lógica, em "que a lógica do analista é o agalma que se integra na fantasia radical construída pelo psicanalisante"[21]. Assim entendemos o que Lacan quer dizer ao afirmar que, quanto mais se avança em direção ao final da partida, "é a ele – ao analista – que isso, que se chamaria uma denotação gramatical que vale por mil, o particípio passado do verbo conviria mais nesse extremo"[22]. Então, o que melhor convém é o analisado. O que é o analisado? Lacan nos ensina na primeira versão da *Proposição*: "nesse desvio que o rebaixa, o analista é a dobradiça da segurança que toma o desejo na fantasia e do qual se revela então que o que o toma

[15] *Ibid.*

[16] *Ibid*, p. 584

[17] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 254).

[18] *Ibid.*

[19] *Ibid.*.

[20] *Ibid.*

[21] Lacan. Première version de la Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 583).

[22] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 285).

nada mais é do que o *desser*". E, por isso, "ele é analista ao perder aí o agalma"[23]. Como reiterará no *Discurso à E.F.P.*[24], o *desser* para o lado do analista e a destituição subjetiva para o analisante.

Retornemos ao primeiro parágrafo da epígrafe para lembrar que trabalhamos com o que se refere ao "que ocorre no final da relação transferencial". Indagamos, então, se o contrato, sob cláusula de opção, seria o que é mantido como uma assinatura (subscrição) em sessões dedicadas ao inconsciente, semana após semana, abonadas pelo inconsciente com a cláusula de opção de renovação ano após ano, quando se dá a escolha de não continuar mais abonado ao inconsciente, de onde concluímos que já não tendo vontade de fazer uso da opção, da opção de tomar o agalma para ter a segurança que o desejo adquire da fantasia, informado pelo agalma, como significante traço unário da falta no Outro S(Ⱥ), não faz uso da opção, e então seguimos a citação, "o resto que, como determinante de sua divisão, faz com que ele/ela caia de sua fantasia". O que cai é a *Bedeutung*, como assinala Lacan. Retomemos: "sua significação não dispensa o surgimento do desejo, fim aparente da psicanálise"[25]. O advento do desejo do analista ou a resolução da equação do desejo e suas conseqüências: a) a travessia, a queda de sua fantasia e, conseqüentemente, a transformação da janela sobre o real; b) o sujeito é destituído; c) momento em que se tem ou não vontade de fazer uso da opção.

Porém, ao final da relação transferencial, a resolução da equação não garante automaticamente que tenha sido dada a passagem de analisante para analista; mesmo quando a equação é resolvida, pode-se seguir fazendo uso da opção, não deixando cair o resto, ou mesmo continuar apegado à fantasia.

Não é suficiente a resolução da equação do desejo. É preciso algo mais, pois, alcançando esse ponto, há uma escolha no final de análise: fazer ou não fazer uso da opção de continuar ou não abonado ao inconsciente. É necessário ir além da cadeia da enunciação, do gozo à castração, para que a fantasia, em sua travessia, advenha como pulsão; como assinala Lacan, fazer nossa única escolha "entre enfrentar a verdade ou ridicularizar nosso saber".

De que verdade se trata? O saber articulado S_2 é um saber que só pode ser meio-dizer, enquanto o saber do inconsciente é S_1, traço unário, letra que, como a letra da *carta roubada*, *caput mortuum*, produz efeitos. Então, deve-se ir além da extração de S_1, traço unário. Ir além é o que faz Joyce com a letra, um saber fazer ali com que se torna o exemplo do necessário em um final de análise, um "desabonado do inconsciente", saber fazer

[23] *Ibid.*

[24] Lacan. Discours à l'E.F.P. (1970/2001, p. 273).

[25] Lacan. Première version de la Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 584).

ali com ou ridicularizar nosso saber. Momento ou não de fazer uso, ou não, da opção que Lacan chama de "empalme", em que o psicanalisante, em uma versão lógica, poderia articular um "que ele saiba como sendo dele, isso o que o ser de saber não sabia, e que agora tem como efeito que isso que não sabia está apagado dele"[26]. Isso que se pode saber ao final de uma análise não é nada mais do que um "saber vão de um ser que se furta"[27]. Trata-se de um saber que somente poderá ser capturado pelo cartel do passe, pois já não há sujeito ali para articulá-lo.

O que seria ridicularizar o saber? Um S_1 retornando novamente ao S_2, retorno à articulação abonada aos ditos do inconsciente, o que implica a recusa desse saber sem sabê-lo de S_1, logo alcança o umbral de saída desenhado pela resolução da equação da transferência, ou seja, é retorno ao luto inacabado pelo sentido, retorno à falta, ao pecado, o não se reconhecer aí na estrutura[28]. Há várias alternativas de retrocesso: a) retorno à identificação com o analista, com seus s(A) e à vertente imaginária do traço em I(A), recusa míope, nos diz Lacan, entre parênteses *Verleugnung*[29], termo reservado por ele aos analistas, e que nos deixa em alerta em relação à vontade de gozo do perverso e ao que ocorre em um final de análise. Recusa, portanto, da destituição subjetiva, inscrita no algoritmo do bilhete de entrada como horror ao saber; b) posições depressivas inacabadas ou covardia moral; c) o "somente fazer interdição do que se impõe do nosso ser é relativo a se oferecer a um retorno do destino que é a maldição"[30]; recordemos o veredicto lacaniano: o foracluído no simbólico retorna no real; d) assim, igualmente, "aquele que recebeu a chave do mundo na abertura do impúbere, o psicanalista não tem que esperar mais que um olhar, porém se vê tornar-se uma voz"[31].

Creio que se faz necessário que, em nossa teorização do final de análise, façamos também uma escolha entre:

a) pensar que, no final de análise, há um momento de escolha em que se dá o instante do relâmpago produzido pela extração do traço unário que resolve a equação do desejo do analista. Suas conseqüências são: o término da relação transferencial, a travessia da fantasia em que esta se torna pulsão. Trata-se de um passo a mais, que ocorre quando a identificação com o sintoma se revela como "um saber fazer ali com a castração", como um bem-dizer, ou seja, quando o final se revela como um momento, como um ato a partir do qual nada mais pode ser como antes. Nessa vertente, a transferência é a primeira a "cair". Para avançar um passo a mais, seria necessário considerá-lo fora da transferência e como conseqüência do ato; e

[26] *Ibid*, p. 585.

[27] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 254).

[28] Lacan. Télévision (1973a/2001, p. 526).

[29] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 254).

[30] *Ibid*, p. 252

[31] *Ibid*, p. 254.

b) a vertente da elaboração do final como um processo gradual de facilitação de um luto em relação ao *desser* do analista, elaboração com o analista desse luto, ou seja, sem término da relação analítica, uma espécie de evolução do processo até o final sendo necessário o acompanhamento.

O que disso resulta é, de um lado, um ato e suas conseqüências, e, de outro, a evolução de um processo. Serão excludentes essas duas opções? Com a discussão da segunda opção, foi postulado em nossa Escola, de acordo com o que pude compreender de um artigo de um membro de um cartel do passe, que o dispositivo do passe poderia ter efeitos sobre um final ainda não alcançado pelo passante, enquanto outros teorizam sobre o luto do final em um artigo de um passante.

Segundo minha opinião, o término pelo luto acompanhado pelo analista se refere a um continuar fazendo uso da opção da fantasia, ou seja, trata-se ainda de um antes do final, relativo a um "sucesso terapêutico". Fazer do objeto *a* o representante da representação do analista[32]. é uma conseqüência do passo (passe) ato que demarca o final de análise pela resolução da equação do desejo, condizente com o término da relação transferencial. Continuando com o uso da opção, apesar de ter reduzido o analista ao objeto *a* na equação, prossegue-se com o luto na covardia moral, e o psicanalista continua causando o desejo, segundo o próprio Lacan, maníaco-depressivamente. Ele explicita em *O aturdido*: "é esse o estado de exultação que Balint, tomando-o com otimismo, descreve não menos bem: mais de um 'sucesso terapêutico', encontra nisso sua razão, eventualmente, substancial. Depois arremata-se o luto"[33].

[32] Lacan. L'Étourdit (1973b/2001, p. 487).

[33] *Ibid*, p. 489.

Para mim, a escolha do final conduz ao término da relação transferencial. Não é possível, contudo, uma passagem de analisante a analista quando se continua esperando maníaco-depressivamente ser abonado pelo Outro transferencial. É necessário dispensar o uso da opção para não permanecer apenas em um sucesso terapêutico, esperando a resolução do final de um luto que, por fim, venha a acabar. Somente aí seria possível encontrar a solução da equação do desejo com as conseqüências já mencionadas. Somente aí poderia haver a travessia da fantasia, a destituição subjetiva, porém, insisto, ainda é necessário dar um passo a mais. Creio que nesse ponto da escolha do final, o dispositivo do passe tem muito a nos ensinar sobre as variedades de retrocesso ou de variantes do passo a mais que conduz ao final.

> Certamente há um problema em um certo ponto da análise, porém não há angústia legítima

(à qual dou constância) senão ao penetrar – e é necessário para a análise didática – nisso que é preciso chamar um mais além da psicanálise, de uma verdadeira guarda em que sucumbe no presente toda enunciação rigorosa sobre o que ali se passou.[34]

[34] Lacan. Première version de la Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 584).

TRADUÇÃO
Eliane Z. Schermann

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 11: Les quatres concepts fondamentals de la psychanalise* (1964). Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques. (1967a) Première version de la Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanaliste de l' École. In: *Autres écrits*. Pairs: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1967b). Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 15: L'Acte analytyque* (1967-1968). Inédito.

LACAN, Jacques. (1970). Discours à l'E.F.P. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1973a). Télévision. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1973b). L'Étourdit. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

resumo

A partir de uma indicação de Lacan no texto da *Proposição* relativa a uma escolha no momento do final da análise, este trabalho se propõe a tentar decifrar o parágrafo, apoiando-se nas duas versões da Proposição e no texto *O aturdido*, para concluir em que resulta a equação do desejo e o que ocorre ao término da relação transferencial, quando é necessário um passo a mais no sentido de fazer uso ou não da cláusula de opção, ou seja, do contrato que nos abonava no inconsciente via fantasia.

palavras-chave

final de analise, eleição, passo (de analisante a analista)

abstract

Lacan indicates in the text of the *Proposition* on the election at the time of the end of the analysis to make an attempt to interpret the paragraph utilizing the two versions of the *Proposition* and the text of the *L'Etourdit*, in order to conclude that once the equation of desire is resolved which happens at the end of the relation of transference, it is necessary to go one more step, to make use or not of the contract's optional clause that would enhance the unconscious through the fantasy (*fantasme*).

key words

end of analysis, election, step

recebido

19/02/2006

aprovado

24/03/2006